

Caroline Graham

Morte em Palco

Tradução de
Mário Dias Correia

ASA

ÍNDICE

Agradecimentos	7
Abertura	13
Dramatis Personae.....	26
Ensaio	66
Entreato (manhã de sábado, Causton, High Street)... ..	105
Estreia.....	134
Entram os mediadores	169
Saída, perseguido por um urso	227
Outra abertura, outro espetáculo.....	353

ABERTURA

- Não se pode cortar o pescoço sem fazer sangue.
- Sem dúvida. As pessoas iriam estranhar.
- Discordo. Não houve sangue na produção de West End.

- Oh, o Scofield – murmurou Esslyn depreciativamente.
- Tão rebuscado.

A Causton Amateur Dramatic Society fazia uma pausa no ensaio de *Amadeus*. A produção estava bastante avançada. Os Venticelli estavam finalmente a pegar nas deixoas, a lareira para o palácio de Schönbrunn estava prometida para o fim de semana e Constanze parecia por fim estar quase à beira de começar a decorar pelo menos uma ou duas falas, muito embora ainda estivesse algo confusa quanto à ordem por que deviam ser ditas. Mas a espinhosa questão de saber como devia Salieri cortar mais eficazmente o próprio pescoço continuava por resolver. Tim Young, o único membro da companhia que se barbeava à moda antiga, ficara de levar a sua navalha de barba naquela noite. Até ao momento, dele nem sinal.

- É possível... hã... é possível arranjar coisas, não é? Que fazem sangue? Lembro-me de na RSC...

- Claro que é possível arranjar coisas, Dierdre – interrompeu-a irritadamente Harold Winstanley, que reagia sempre de uma forma abrasiva a qualquer referência à RSC.

– Julgo que poucos dos presentes não terão consciência de que é possível *arranjar* coisas. É só que eu tento ser um nadinha inventivo... sair da rotina. *Comprenez?* – Olhou em redor, como que a convidar os outros membros da companhia a admirarem a sua paciência sobre-humana face a tão inane sugestão. – Por falar em rotina... não são horas do nosso café?

– Oh, sim, peço desculpa.

Dierdre Tibbs, que estivera sentada no palco a abraçar os joelhos vestidos de bombazina numa pose bastante amenizada, pôs-se de pé.

– Rápido, então.

– Se achas o Scofield rebuscado – disse Donald Everard, pegando no comentário de Esslyn – , então e o Simon Callow?

– O que é que tem o Simon Callow? – eriçou-se o irmão gémeo.

Dierdre deixou-os a denegrir alegremente as luminárias da arte e afastou-se pela coxia em direção à sala de convívio. Dierdre era supostamente a assistente do encenador. Tinha sido uma espécie de pau-mandado de toda a gente em dúzias de produções até algumas semanas antes, quando, fortificada por um par de martínis doces, pedira humildemente à direção que considerasse uma promoção. Para sua alegria, a decisão, ainda que não unânime, fora-lhe favorável. Mas a alegria durara pouco, pois parecia que o seu papel atual no Latimer não seria diferente do que tinha sido até então. Porque Harold não tolerava qualquer discussão (a frase era dele) em questões de produção, e as suas poucas e tímidas sugestões tinham sido ignoradas ou implacavelmente abafadas.

Na sala de convívio, tirou as canecas dos respetivos ganchos e dispôs-las muito cuidadosamente na bandeja para evitar que chocassem, abriu a torneira de modo a deixar correr apenas um fio de água e encheu a cafeteira. Harold, que

gostava de se descrever a si mesmo como um *think tank* de um homem só, achava o mais ligeiro ruído perturbador para o seu fluxo criativo.

Claro que como encenador, admitia Dierdre tristemente para si mesma, levava-lhe vantagem. Vinte anos antes, representara em Filey, produzira uma temporada de verão em Minehead e aparecera numa Number One Tour¹ (Elenco Original de West End!) de *Spider's Web*. Não se podia discutir com esse género de experiência. Havia sempre um ou outro que tentava, claro. Sobretudo recém-chegados que ainda tinham opiniões próprias e não tinham assimilado a hierarquia do galinheiro. Não que houvesse muitos. A CADS era extremamente seletiva. E Nicholas, que fazia Mozart enquanto aguardava saturninamente o resultado de uma audição para a Central School of Speech and Drama. Esse por vezes discutia. Esslyn nunca discutia. Ouvia muito atento tudo o que Harold dizia e depois fazia as coisas à sua desluzida maneira. Harold consolava-se desta intransigência sujeitando todos os outros a uma férrea disciplina cénica.

Dierdre distribuiu colheres de café instantâneo barato e leite em pó pelas várias canecas e acrescentou água a ferver. Um ou dois minúsculos grumos brancos subiram até à superfície e ela, impaciente, empurrou-os para baixo com as costas da colher, ao mesmo tempo que tentava lembrar-se de quem punha açúcar e quem já era suficientemente doce. Mais valia levar o pacote e perguntar. Voltou a percorrer a coxia em sentido inverso, com passos lentos, a equilibrar a pesada bandeja. Esslyn tinha voltado as suas baterias para Ian McKellen.

– Por isso... e contra o que a razão me dizia... deixei-me arrastar para aquele esforço solitário. Nada senão exibicionismo do princípio ao fim.

¹ Digressão pelas melhores salas de cada zona do país. (*N. do E.*)

– Mas – disse Nicholas, os olhos cinzentos muito abertos numa expressão de inocência –, pensava que representar era precisamente isso.

Os Everard, bajuladores venenosos sempre prontos a defender a primeira figura da companhia, declararam:

– Mas eu compreendo exatamente o que o Esslyn quer dizer.

– Também eu. Aliás, o McKellen sempre me deixou frio.

Dierdre intrometeu a sua pergunta a respeito do açúcar.

– Céus, seria de esperar que por esta altura já soubesses, querida – disse Rosa Crawley. – Só um *morceau* para mim. – Arrastou roucamente as palavras. Fazia a senhora Salieri e nunca tinha tido um papel tão modesto, mas em *Amadeus* era o único disponível para uma mulher já madura. Claro que criadas ou cidadãs de idade não eram sequer dignos da sua atenção. – Tens-nos mantido a funcionar durante tantos ensaios – continuou. – Não sei como consegues. – Houve um murmúrio de concordância mecânica na direção geral de Dierdre e Rosa abafou um pequeno suspiro. Sabia que ser graciosa para com atores secundários e assistentes era a marca da verdadeira estrela. Só gostaria que Dierdre se mostrasse um pouco mais sensível ao gesto. Aceitou a caneca lascada com um sorriso radioso. – Obrigada, querida.

Em resposta, Dierdre entreabriu muito ao de leve os lábios. Sinceramente, estava a pensar, com aquela cintura de baleia até um *morceau* era demais. Para aumentar a sua irritação, Rosa estava a usar o casaco de peles comprido que ela (Dierdre) comprara na Oxfam para *O Jardim das Cerejeiras*. Fora levado depois da festa que se seguira à última representação e o guarda-roupa nunca mais conseguira voltar a pôr-lhe as mãos.

– Oh, meu Deus! – Harold estava a olhar para a caneca azul de louça vidrada com «H.W. (ENC)» escrito a verniz de unhas vermelho. – Outra vez estas horrorosas caganitas

de furão! Será que ninguém consegue arranjar leite a sério? *Por favor?* Ou será pedir muito?

Dierdre continuou a distribuir as canecas, levando consigo o pacote do açúcar, sem olhar para Harold. Se queriam leite a sério, alguém com carro que o fosse buscar. Ela já tinha tralha mais do que suficiente para carregar para os ensaios.

– A ideia de uma navalha preocupa-me um pouco – disse a Constanze de Mozart, tornando à questão inicial. – Não quero um filho sem pai – explicou, e fez uma careta à caneca antes de voltar a recostar-se contra o joelho do marido.

Esslyn sorriu e olhou em redor, como que a pedir aos outros que perdoassem a patetice da mulher. Passou ao de leve a unha do indicador pelo pescoço dela, enquanto murmurava:

– Uma impossibilidade biológica, não achas?

– Um dos problemas de montes de sangue – disse Joyce Barnaby, encarregada do guarda-roupa/guardadora dos bolos/intérprete das canções fora de cena – é ter a camisa do Esslyn lavada e engomada para a noite seguinte. Espero que tenhamos mais do que uma.

– *Molto costoso*, minha cara – exclamou Harold. – Todos vocês parecem pensar que sou feito de dinheiro. Só alugar as roupas do protagonista já custa um dinheirão. Para o Peter Shaffer é muito fácil pedir dez lacaios, todos com trajes do século dezoito...

Joyce voltou a sentar-se placidamente na sua cadeira, pegou na saia bordada de Katherina Cavalieri e continuou a subir a bainha. Pelo menos uma vez durante os ensaios de todas as produções, Harold queixava-se da fortuna que estavam a gastar, mas quando as coisas eram urgentemente necessárias, o dinheiro aparecia sempre. Joyce perguntara-se mais de uma vez se viria do bolso dele. Não parecia ser um homem rico (tinha um pequeno negócio de

importação/exportação), mas dava-se tão completamente ao teatro, de coração, corpo, mente e espírito, que nenhum deles ficaria surpreendido se a tudo isto juntasse também os lucros da empresa.

– Não invejo à Sarah o peso dessa saia – disse Rosa a Joyce.

– Lembro-me de quando estava a fazer Ranyevskaia...

– O meu chumaço vai estar pronto a tempo, Joyce? – perguntou a segunda Mrs. Carmichael, recebendo muitos olhares agradecidos pela interrupção. Quando Rosa começava a falar da sua Ranyevskaia, toda a gente fugia. Ou da sua Mrs. Alving. Ou até, já agora, da sua fada Carabosse.

– E a música? – quis saber Nicholas. – Quando é que vamos ter a música?

– Quando eu tiver um dia com quarenta e oito horas – replicou Harold, rápido como um galgo. – A menos – os olhos dele brilharam ante a absurdidade da ideia – que queiras ser tu a tratar disso.

– OK.

– Como?

– Não me importo. Conheço todas as peças. É só uma questão de...

– Nunca é só uma questão seja do que for, Nicholas. O selo de qualquer encenador digno desse nome tem de estar em todos os aspetos da produção. A partir do momento em que começa a delegar um coisinha aqui, outra coisinha ali, em qualquer fulano, beltrano ou sicrano para que faça como bem entender, mais lhe vale abdicar. – O facto de ninguém ter achado o verbo inapropriado dava bem ideia da posição de Harold no seio da companhia. – E mais do que preocupares-te com o teu chumaço, Kitty, devias preocupar-te com as tuas falas. Quero-as na ponta da língua na terça-feira. Entendido?

– Vou tentar, Harold.

Kitty falava com um muito ligeiro cicio. Os seus dês eram quase tês. Esta graciosa afetação, somada à cascata de caracóis louros, à pele lisa e aveludada e ao exagerado desenho em arco de Cupido do lábio superior, criava um ar de encanto infantil tão cativante que as pessoas mal reparavam em como contrastava com o brilho duro dos seus olhos azuis. Quando falava, o seu delicioso seio subia e descia um tudo-nada mais depressa, como que a indicar um acrescido desejo de agradar.

Harold mirou-a severamente. O facto de poder haver alguém ligado à CADS que não estivesse disposto a consagrar todos os seus momentos de vigília à produção em curso constituía para ele um mistério indecifrável. Por ações enquanto no teatro, em pensamento quando fora dele. Avery dissera certa vez que, se pudesse, Harold lhes ordenaria que sonhassem com o Latimer. E Kitty, mais do que qualquer dos outros, pensava Harold naquele instante, tinha tempo mais do que suficiente. Perguntou a si mesmo o que arranjaría ela que fazer durante todo o dia, e então apercebeu-se de que fizera a pergunta em voz alta. Kitty baixou castamente os olhos, como se a pergunta tivesse sido um tudo-nada imprópria.

Dierdre começou a recolher as canecas. Várias ainda continham um resto de café, mas ninguém insistiu no seu direito divino à ração completa. Desviou os olhos ao recolher a de Kitty, porque Esslyn deixara agora de acariciar o pescoço da mulher e fizera deslizar os dedos para dentro do decote da blusa dela, onde brincavam quase distraidamente. Também Rosa Crawley desviou o olhar face a esta demonstração da insensibilidade do ex-marido, e corou, ficando com as faces tingidas de um vermelho feio. Harold, como sempre abstraído de qualquer drama que decorresse fora do palco, gritou ao cenógrafo:

– Onde diabo se meteu o Tim?

– Não faço ideia.

– Pois devias fazer. Vives com ele.

– Viver com alguém – ripostou Avery – não confere poderes paranormais. Deixei-o a tratar da encomenda da Faber, e ele disse que não demorava mais de meia hora. Portanto sei tanto como tu. – Apesar de falar grosso, Avery estava, na realidade, consumido por um medo ansioso. Não suportava não saber onde Tim estava e o que estava a fazer e com quem estava a fazê-lo. Cada segundo passado na ignorância desta informação vital parecia-lhe um ano. – E não contes comigo para ficar até tarde – acrescentou. – Tenho um *daube* no forno.

– Os *daubes* precisam de ficar bem apurados – sugeriu o guarda-roupa. Felizmente, Tom Barnaby não estava presente, ou talvez se tivesse engasgado ao ouvir a maneira displicente como a mulher, cujos desastre culinários iam de mal a pior, afirmava uma espécie de afinidade com um homem cujos cozinhados eram lendários. Não havia membro da CADS que não tivesse numa ou noutra ocasião recorrido a manobras, maquinações, insinuações e até ao puro descaramento para conseguir um eventual convite para jantar *chez* Avery. Os que o conseguiam tinham, para várias semanas seguintes, lugar garantido a mesas mais humildes, recriando os seus triunfos, e distribuindo recordações gastronómicas migalha a migalha, para as fazer durar o mais possível.

– Apurar bem, minha querida Joyce, significa parar no momento exato – ripostou Avery, cáustico. – A linha que separa um guisado maravilhoso, coeso, em que todos os elementos se mantêm individualizados mas ao mesmo tempo perfeitamente integrados no todo, é na realidade muito ténue.

– Um pouco como uma produção teatral, no fundo – murmurou Nicholas, e dirigiu um sorriso subversivamente

triumfante ao encenador. Harold, que apanhou o sorriso mas não percebeu a subversão, assentiu, pomposo, com a cabeça.

– Bem... – Colin Smy pôs-se de pé e adotou uma pose pateta, como que a enfatizar a sua importância e a sua diferença em relação aos atores que o rodeavam. – Há quem tenha trabalho para fazer. – Tendo colocado a bandarilha, deu-lhe algum tempo para se enterrar bem. Entroncado, com umas pernas ligeiramente arqueadas, vestia *jeans* e uma camisa aos quadrados e tinha uns cabelos ásperos, como arame, que usava muito curtos, com tufos a espetarem-se aqui e ali, o que, aliado a uma enorme quantidade de energia agressiva, o fazia parecer, como alguém certa vez dissera, um feroz *fox-terrier* a correr de um lado para o outro. Desapareceu nos bastidores, acrescentando por cima do ombro: – Se precisarem de mim, estou lá atrás, onde está muita coisa a acontecer, caso alguém esteja interessado.

Ao que parecia, ninguém estava, e o martelar que pouco depois lhes chegou aos ouvidos permaneceu ressentidamente solitário. Na sala de convívio, Dierdre abriu a água quente para lavar as canecas, entrechocando-as com gestos zangados, o que acrescentou novas lascas às já existentes. Nunca aparecia ninguém para lhe dar uma ajuda, excetuando David Smy, que ficava muitas vezes à espera para levar o pai a casa. Sabia que a culpa era dela, por não ter posto os pés à parede havia já muito tempo, e isto fazia-a sentir-se ainda mais zangada.

– Bem, acho que devemos dar ao Tim mais cinco minutos – dizia o imperador José, sentado numa cadeira da primeira fila. – Se ele não aparecer, continuamos.

– Tu lá sabes – replicou Esslyn. – Mas eu não faço a mínima intenção de continuar enquanto não resolvermos este problema prático. É muito fácil dizer que estas coisas podem ser deixadas para o último segundo...

– O último segundo é exagero – murmurou Rosa.

– ... mas eu é que vou ter de estar aí no palco a enfrentar a multidão. – «Quem te ouvisse», pensou Nicholas para consigo, «pensaria que vamos atuar no Barbican.» – Sabe Deus que já é suficientemente horrendo um papel desta dimensão. – «Então porque foi que o aceitaste?» – Mas ao fim e ao cabo, a tentativa de suicídio de Salieri é o ponto alto da peça. Temos de o fazer não só bem, mas brilhantemente bem.

Nicholas, que sempre considerara a morte de Mozart o ponto alto da peça, sugeriu:

– Porque é que não usas uma máquina elétrica?

– Pelo amor de Deus! Se isto é o género de...

– Pronto, Esslyn, tem calma – interveio Harold, para apaziguar a sua irritável estrela. – Francamente, Nicholas...

– Peça desculpa. – Nicholas sorriu. – Desculpa, Esslyn, foi só uma brincadeira.

– Morta à nascença, Nico – respondeu Esslyn, altivo. – Como todas as tuas brincadeiras. Para não falar do teu... – Escondeu os lábios nos caracóis louros que se enrolavam docemente sobre o pescoço de Kitty e o resto da frase perdeu-se. Mas toda a gente soube o que teria sido...

Nicholas pôs-se muito branco. Não disse nada durante vários segundos, e então falou muito calmamente, escolhendo as palavras com muito cuidado:

– Pode não parecer, mas estou preocupado com este problema. Ao fim e ao cabo... se o Esslyn não tiver tempo para habituar-se a usar aquilo que vai ser um adereço vital, toda a cena vai parecer totalmente amadorística.

Houve um murmúrio, que foi crescendo, e respirações sustidas. Harold pôs-se de pé e cravou no seu Mozart um olhar furioso.

– Nunca murmures sequer essa palavra na minha presença, Nicholas... OK? *Nunca* há nada amadorístico nas minhas produções.

Ao refutar tão ousadamente o adjetivo, Harold estava a ser um tudo-nada parcimonioso com a verdade. A companhia inteira orgulhava-se daquilo que gostava de considerar os seus padrões profissionais, mas que se ouvisse um suspiro que fosse de crítica adversa e de repente eram apenas amadores, a maior parte deles com empregos a tempo inteiro, e na realidade era quase um milagre arranjam tempo para decorar as falas, quanto mais montar uma peça. Depois de ter feito sangue em redor, Nicholas parecia mortificado pela sua falta de tato. Mas antes que pudesse dizer fosse o que fosse para emendar a mão, as portas do auditório abriram-se e Tim Young entrou. Avançou rapidamente para eles, um homem alto com um sobretudo escuro e um chapéu Borsalino. Levava na mão um pequeno embrulho.

– Desculpem o atraso.

– Onde estiveste?

– A papelada nunca mais acabava... e depois o telefone começou a tocar. Vocês sabem como é.

Tim espalhou a resposta pelo grupo todo, em vez de responder diretamente a Avery, que insistiu:

– Quem? Quem telefonou?

Tim despiu o sobretudo e começou a desfazer o embrulho. Todos se juntaram à volta dele. O embrulho estava muito bem feito. Duas camadas de papel castanho brilhante, mais outras duas de tecido macio. Finalmente, a navalha foi revelada. Tim abriu-a e mostrou-a atravessada na palma da mão.

Era um objeto bonito. A pega, uma elegante curva de ébano, tinha gravadas a ouro as palavras E.V. Bayars. Master Cutler. (C.A.P.S.) À volta desta gravação havia uma grinalda de folhas de acanto e minúsculas flores incrustadas em madrepérola. O lado oposto era nu, excetuando três pequenos rebites. A lâmina, de fio letalmente afiado, cintilava e refulgia.

Esslyn, consciente das razões da presença daquele objeto, comentou:

– Parece terrivelmente afiada.

– Como deve ser – exclamou Harold. – No teatro, a verosimilhança é crucial.

– Absolutamente – concordou Rosa, um tudo-nada demasiado depressa, houve quem achesse.

– Quero lá saber da verosimilhança teatral – declarou Esslyn, e estendeu a mão para pegar na navalha com mil cuidados. – Se estão à espera que ponha esta coisa a menos de quinze centímetros do meu pescoço, é bom que esperem sentados.

– Nunca ouviste falar de mímica? – perguntou Harold.

– Sim, já ouvi falar de mímica – respondeu Esslyn. – E também já ouvi falar de Jack, o Estripador, e de Sweeney Todd, e de morte por acidente.

– Hei de arranjar uma solução qualquer até ao próximo ensaio – prometeu Harold, tranquilizadamente. – Não te preocupes. Para já, volta a embrulhá-la, Tim. Quero passar ao segundo ato. Dierdre? – Pausa. – Onde se meteu ela *agora*?

– Ainda está a lavar a louça, acho – disse Rosa.

– Santo Deus. Era capaz de lavar toda a louça de um banquete de quatro pratos para vinte pessoas no tempo que ela demora a lavar meia dúzia de canecas. Bom... vamos ao que interessa. Phoebe, é melhor fazeres de ponto.

Toda a gente dispersou em direção aos bastidores e aos camarins, com exceção de Esslyn, que continuava a estudar pensativamente a navalha. Harold aproximou-se dele.

– *Pas de problème* – disse. – Só precisas de te habituar a pegar-lhe. Olha... deixa-me mostrar-te.

Pegou no belo objeto e empurrou cuidadosamente a lâmina na direção da pega. De repente, a lâmina saltou e, com um estalido, voltou à posição inicial.